

Raciovitalismo de Ortega

Laíno Alberto Schneider

Resumo

Uma das questões fundamentais do existir individual certamente é a razão da vida. Por isso, qual é o sentido da existência individual e coletiva? Esta é a questão que o ser humano procura responder durante toda a sua existência.

Palavras-chave: *Homem, vida, realização.*

Abstract

One of the fundamental issues of the individual existence is certainly the reason of life. Therefore, what's the meaning of the personal and collective existence? This is the question which the human being seeks an answer during all his existence.

Key words: *Man, life, accomplishment.*

A VISÃO COMO PROCESSO

O que penso das coisas, do ser humano, do mundo? Para Ortega y Gasset a vida é:

La vida es sed, es ansia, afán, deseo. No és lograr porque lo logrado se convierte automáticamente en punto de arranque para un nuevo deseo (El tema de nuestro tiempo, III, 182).

Decidir o que fazer da vida para que ela seja VIDA é reflexo das encruzilhadas que o existir humano vai criando.

Dentro destes aspectos, para Ortega y Gasset, a vida humana está resumida em quatro pontos.

- a) A vida sempre é a minha, é pessoal.
- b) A circunstancialidade da vida, ou seja: vive-se em vista das circunstâncias.
- c) Se no momento anterior se vive em vista das circunstâncias o mesmo impõe uma condição da liberdade. Segundo Ortega y Gasset "somos livres a força", ou seja, as convenções

sociais externas, através de inúmeros fatores, vão restringir as potencialidades.

d) Continuando a trilha do que é a vida humana para Ortega y Gasset, ele afirma que a vida é intransferível.

Pode-se perguntar o que significa dar sentido a vida?

Talvez uma das questões mais difíceis é dar sentido à vida. É através desta condição que o ser humano pode encontrar a razão primária para viver. Para Ortega, a vida é um mistério, um drama, pelo fato de ela estar vazia de sentido por si só. Quando o autor faz uma análise do que seja a crença, a idéia, o pensar e o conhecer, estes elementos, necessariamente, estão presentes na realização de cada ser humano. O sentido não está na diferença e, muito menos, na unanimidade, mas no ponto pelo qual é possível o indivíduo buscar a razão de existir.

É neste contexto todo, que Ortega se manifesta contra a visão do racionalismo, pois o racionalismo procura saber o objetivo em detrimento ao subjetivo, a vida humana. Para Or-

Laíno Alberto Schneider é Doutor em Filosofia; Mestre em Antropologia Filosófica; Professor de Antropologia, Filosofia, Ética e Metodologia Científica da Universidade Luterana do Brasil.

Este texto é fruto de uma breve idéia da primeira parte da Tese de doutoramento, realizada em dezembro de 2000. Trata da importância da realização humana e da busca pela mesma tendo como referencial teórico, principalmente, o filósofo Ortega y Gasset

Textura	Canoas	n. 5	2º semestre de 2001	p. 85-94
---------	--------	------	---------------------	----------

tega, o homem se compõe do que tem e do que lhe falta. A realização só é possível quando do entendimento do meio, ao qual se faz parte. A vida é projeto, não está feita, ela precisa ser planejada e buscada.

SOCIEDADE E CULTURA

A sociedade é meio ou circunstância diante da qual o indivíduo cria e desenvolve a possibilidade de construir o seu ser dentro da condição de sociedade. Para Ortega y Gasset:

(...) La sociedad, conjunto de los usos, de un lado se nos impone; de otro, la sentimos como instancia a que recurrir y en que ampararnos. Lo uno y lo otro, ser imposición y ser recurso, implican que la sociedad es, por esencia, poder, un poder incontrastable frente al individuo (El hombre y la gente, VII, 266-7).

A sociedade apresenta duas funções básicas, que são:

a) Imposição: a sociedade é algo diante do qual o indivíduo se vê forçado a assumir um referencial do grupo que pertence. É em função deste meio que o mecanismo condiciona o indivíduo a assumir a identidade social de seu grupo.

Cabe realçar que, para Ortega, a sociedade ou circunstância é condicionamento e não determinante, para o autor madrileno, fica a convicção de que a sociedade serve como um referencial.

(...) Al encontrarnos viviendo, nos encontramos no sólo entre las cosas, sino entre los hombres; no sólo en la tierra, sino en la sociedad. Y esos hombres, esa sociedad en que hemos caído al vivir tiene ya una interpretación de la vida, un repertorio de ideas sobre el universo, de convicciones vigentes. De suerte, que lo que podemos llamar 'el pensamiento de nuestra época' entra a formar parte de nuestra circunstancia, nos envuelve, nos penetra y nos lleva (En torno a Galileo, V, 25).

Se por um lado existe o indivíduo e de outro lado a sociedade, a relação destes dois elementos sempre se faz sentir em qualquer relação social. Cria-se de um lado o eu, ou a condição de se realizar; do outro o grupo que bus-

ca impor os valores socioculturais já desenvolvidos pelas gerações anteriores. Só que esta relação começa a criar seus conflitos. Se pelo aspecto individual busca-se a realização como ser humano, no coletivo há uma preocupação com o todo, formando-se a noção de massa, gente. Para Ortega a gente não é circunstância mundanizada onde só existe o outro, o coletivo. Com isto tem-se o conflito no qual, por um lado um indivíduo busca o seu espaço, enquanto um ser individual, particular e único, na esfera social desenvolve-se a concepção de gente.

A vida humana, para Ortega, é dramaticidade, pois o eu individual tem que lutar pelo que quer e busca ser. Se se aceita tudo o que a coletividade impõe é porque o eu, enquanto indivíduo, é insignificante. Por isso não se pode culpar o outro ou a sociedade pelo próprio fracasso. Viver é buscar a realização dentro do grupo do qual se faz parte.

b) Amparo ou recurso: a sociedade serve como referencial de defesa diante das várias possibilidades de existir. Ortega conceitualiza a sociedade como um poder incontrastável frente ao indivíduo. Com esta definição percebe-se que a sociedade está em defesa do todo social.

A coletividade vigia, preserva os valores do grupo. A sociedade não é algo natural e espontâneo, pois o que parece ser correto para uma pessoa, muitas vezes não aparece de forma tão clara e objetiva.

El poder público no es, pues, sino la emanación activa, energética de la opinión pública, en la cual flotan todos los demás usos o vigencias que de ella se nutren. Y la forma, el más o el menos de violencia con que el poder público actúa depende de la mayor o menor importancia que la opinión pública atribuya a los abusos o desviaciones del uso (El hombre y la gente, VII, 268).

Assim como a convivência em grupo não é algo fácil e tranquilo, o poder que o Estado exerce, ou deve exercer, também não o é. O poder público só deve ter a sua função e importância preservada, caso observe e atente aos interesses do bem público.

Juntamente com essas possíveis dificuldades, segundo Ortega y Gasset, a tarefa do poder público começa a ser ineficaz. Quando o poder começa a fazer parte de um grupo de



interessados e não mais a coletividade como um todo.

Assim como a conquista da autenticidade do “eu” é fruto de uma conquista particular, a vida humana também é um conviver. O indivíduo não pode só viver em grupo, sociedade, ele apresenta a necessidade de viver com. Através desta condição é que nasce a felicidade, a realização etc.

A sociedade pode ser caracterizada pela soma da população mais a cultura aí existente. Cada sociedade, coletividade, cria as suas normas e, portanto, os códigos de normalidade. O que numa sociedade é normal, em outra pode ser desviante ou proibido.

A cultura é um reflexo daquilo que a sociedade, como um todo, considera fundamental e, a partir deste referencial, cria um mecanismo capaz de controlar e criar aspectos que dão ao indivíduo as diretrizes que deve seguir para poder viver em grupo. A cultura, portanto, não é fatalidade, pois não vem do nada. É da reunião das diversas opiniões e idéias que vai estabelecer o que é mais apropriado para o grupo. Cada ato humano carrega nele uma profunda concepção das coisas que são corretas ou não. Segundo Sócrates, se eu conheço o que é o certo, não vou fazer algo de errado. O erro só é possível com o desconhecimento. Agora, para Ortega, o conhecimento é fruto de uma grande busca pessoal na qual cada indivíduo-sujeito procura fazer o que da sentido a sua vida.

Para Ortega, o conceito de cultura está ligado estritamente com o conceito de vida. Esta conceituação orteguiana confere à cultura uma condição onde o indivíduo não pode fazer as coisas meramente como consequência, mas como causa. Se a vida é eterna e a cultura um comentário deste eterno, se faz necessário ao homem a sintonia entre cultura e vida.

O conceito de cultura adquire uma dimensão totalmente própria pelo fato da cultura ser uma interpretação momentânea do que o grupo, através das individualidades, considera básico e importante. Na vida e na cultura nada é estático.

A cultura só se mantém em movimento, assim como o ser humano só se realiza, buscando novas razões para a sua existência. E é nesta relação que o ser humano necessita interpretar o mundo e as coisas que o rodeiam. Por isso, o

conceito de circunstância é fundamental para Ortega.

Ao olhar-se para a vida, que segundo Ortega é algo eterno, e para a cultura, a relação indivíduo-coletivo adquire uma complexidade altamente problemática. Isto pelo fato de que o que é claro para o “eu” pessoal, não se manifesta no mesmo sentido no “eu” coletivo, ou seja, a diferença entre comportamento e cultura assume nesta relação uma concepção ímpar.

Cabe à cultura não ficar reproduzindo o passado, mas buscar e oferecer respostas ao novo. Só que este novo é algo complicado e inseguro e diante da convivência a cultura não pode ser objeto de insegurança e dúvida. É por isso que Ortega afirma:

Cultura (...) es lo firme frente a lo vacilante, es lo fijo frente a lo huidero, es lo claro frente a lo oscuro. Cultura no es la vida toda, sino sólo el momento de seguridad, de firmeza, de claridad. E inventan el concepto como instrumento, no para sustituir la espontaneidad vital, sino para asegurarla (Meditaciones del “Quijote” 1941, I, 355).

A cultura serve como uma bússola orientadora das condutas humanas.

A formalidade da cultura preserva a unidade, ou melhor, visa criar uma maneira de pensar universal. A cada momento que alguém quer ir na direção de algo diferente ou novo, existente em sentido contrário uma formação que não quer esta mudança.

El tema de nuestro tiempo consiste en someter la razón a la vitalidad, localizarla dentro de lo biológico, supeditarla a lo espontáneo. Dentro de pocos años parecerá absurdo que se haya exigido a la vida ponerse al servicio de la cultura. La misión del tiempo nuevo es precisamente convertir la relación y mostrar que es la cultura, la razón, el arte, la ética quienes has de servir a la vida (El tema de nuestro tiempo, III, 178).

A cultura resume todo um processo histórico dentro do qual o ser humano desenvolveu-se e faz a sua história. Além disso, a cultura é o referencial de integração do indivíduo no grupo e, através da qual, cada um terá que criar o seu espaço e fazer a sua história.

La cultura nace del fondo viviente del sujeto y es,



como he dicho con deliberada reiteración, vida *sensu stricto*, espontaneidad, 'subjetividad'. Poco a poco la ciencia, la ética, el arte, la fe religiosa, la norma jurídica se van desprendiendo del sujeto y adquiriendo consistencia propia, valor independiente, prestigio, autoridad. Llega un momento en que la vida misma que crea todo eso se inclina ante ello, se rinde ante su obra y se pone a su servicio. La cultura se ha objetivado, se ha contrapuesto a la subjetividad que la engendró (El tema de nuestro tiempo, III, 172-3).

Se a cultura é movimento, é porque existe um sujeito e um objeto. O sujeito é o que busca mudar, preservar; enquanto o objeto é o que se tem, portanto, serve para ser analisado, estudado, pesquisado, questionado. Sendo o indivíduo sujeito do processo é dele que nasce e parte a cultura.

Para Ortega o ser humano é que necessita propor, planejar o que quer ser. O homem não se realiza no todo, mas precisa dele para poder desenvolver a sua história. E ser um ser histórico é buscar sempre algo a mais e, como tal, a cultura não está pronta, assim como o ser humano. Por isso, também, que há a necessidade de construir. Mas construir significa a partir de algo, que é a cultura, mas não só a partir dela.

No hay cultura sin vida, no hay espiritualidad sin vitalidad, en el sentido más *terre a terre* que se quiera dar a esta palabra. Lo espiritual no es menos vida ni es más vida que lo espiritual (El tema de nuestro tiempo, III, 168).

AUTENTICIDADE E REALIZAÇÃO

“La verdad es historia”, ou seja, a sociedade e o indivíduo vão dando forma a sua peculiar forma de ser e existir. A verdade está ligada a autenticidade do ser. Vida autêntica significa: vida inserida no lugar que lhe advém, no conjunto da realidade.

La nota más trivial, pero a la vez la más importante de la vida humana, es que el hombre no tiene otro remedio que estar haciendo algo para sostenerse en la existencia. La vida nos es dada, puesto que no nos la damos a nosotros mismos, sino que nos en-

contramos en ella de pronto y sin saber cómo. Pero la vida que nos es dada no nos es dada hecha, sino que necesitamos hacérsela nosotros, cada cual la suya. La vida es quehacer (Historia como sistema y del Imperio Romano - 1941, VI, 13).

Existir é fazer das possibilidades a condição de construção. Só se pode construir o que não está pronto e a vida humana está longe disso. Todo existir, em qualquer momento, pode ser aquele diante do qual o indivíduo-sujeito se faz ou começa a construção.

Não é possível a transferência de responsabilidade para outros. O que é pessoal não se transfere. Assim como cada um tem a necessidade de viver a sua vida. O mesmo acontece com aquilo que faço de minha existência. Por isso, que para Ortega: “Eu sou eu e minhas circunstâncias”, ou seja, precisa-se estar dentro de uma realidade sociocultural. Não se é só a circunstância, assim como não se é só “Eu”. O homem é o que vive, onde ele vive serve como circunstância diante da qual não é possível existir, agora querer existir naquela circunstância isto sim é uma escolha pessoal.

Como pode alguém ser autêntico, se não quer mudar ou não sabe em que mudar? Quando Ortega pergunta o que fazer, ele coloca exatamente nesta questão a dramaticidade da vida humana. Tudo nas circunstâncias do ser humano, passa por mudanças, inclusive a sua própria formação biológica. Então, mudar o externo é mais fácil que mudar o interno? É claro, pois o externo se percebe logo e, por isso, auxilia na identificação.

(...) Pero la vida es lo más distante que puede pensarse de un hecho subjetivo. Es la realidad más objetiva de todas. Es encontrarse el yo del hombre sumergido precisamente en lo que no es él, en el puro *otro* que es su circunstancia. Vivir es ser fuera de sí - realizarse. El orograma vital, que cada cual es irremediavelmente, oprime la circunstancia para alojarse en ella. Esta unidad de dinamismo dramático entre ambos elementos - yo y mundo - es la vida (Goethe desde dentro, 1932, IV, 400).

Ser autêntico é ser original, é escolher ser algo. Isto quer dizer que o ser humano só é na definição do que deseja. Ao deparar-se ante as inúmeras realidades possíveis, o indivíduo ne-



cessita definir o que deseja ser. Ele é responsável por aquilo que faz e é quem desenvolve a condição que lhe permite realizar ou não. Com o passar do tempo vários foram as razões ou circunstâncias que auxiliaram a formar a história de cada um.

A vida é feita de sentido. Ela requer um significado próprio. Existir é dar forma a sua trajetória. Ao se olhar o passado de uma pessoa, olha-se o que ela já fez. A vida não pode integrar só o passado, pois, desta forma, não seria mais possível ser diferente.

As coisas mais importantes são também as mais significativas. Muitas são as realidades, dentre as quais a escolha recai sobre uma. É desta realidade escolhida que as coisas começam a fazer sentido ou não. Toda a possibilidade só é realizada ou negada segundo as pré-disposições do sujeito. A vida humana é construída mediante a relação do sujeito com as circunstâncias do escolher algo, automaticamente se exclui todas as demais maneiras de integração.

Viver uma vida determinada é assumir algo planejado por outro. Faz-se necessário assumir a condição e a vontade de se querer ser alguém. A vida determinada não precisa ser vivida subjetivamente, pois estaria condicionada a um destino e, portanto, qualquer pessoa que tivesse que viver teria a mesma condição e o mesmo desenvolvimento. O determinismo faz da vida uma condição universal e não individual e exclusivista. A imposição atrofia; enquanto que a liberdade cria o compromisso e o amadurecimento. Ser autêntico é ser responsável e ser original.

As coisas inanimadas não precisam se preocupar com a realização. A pedra está aí, ela não é projeto de nada. Já, por outro lado, encontra-se o ser humano. Este só se realiza sendo projeto de si mesmo.

Buscar a mudança é de condição do ser humano. O que não é admissível é objetivar no homem uma condição universal de determinismo. É-se determinado a partir do que se projeta ser.

El hombre -esto es, su alma, sus dotes, su carácter, su cuerpo- es la suma de aparatos *con* que se vive y equivale, por tanto, a un actor encargado de representar aquel personaje que es su auténtico yo. Y aquí surge lo más sorprendente del drama vital: el hombre

posee un amplio margen de libertad con respecto a su yo o destino. Puede negarse a realizarlo, puede ser infiel a sí mismo. Entonces su vida carece de autenticidad. Si por vocación no se entendiese solo, como es sólito, una forma genérica de la ocupación profesional y del *curriculum* civil, sino que significase un programa íntegro e individual de existencia, sería lo más claro decir que nuestro yo es nuestra vocación. Pues bien, podemos ser más o menos fieles a nuestra vocación y, consecuentemente, nuestra vida más o menos auténtica (Goethe desde dentro, 1932, IV, 401).

O ser humano encontra-se diante da complexidade que é a construção da autenticidade e da realização. Estes dois aspectos são difíceis, pois ambos requerem planejamento e busca. A dramaticidade da vida humana é maior porque é em função dela que o homem caminha.

Segundo Ortega y Gasset, cada um nasce talhado para uma determinada condição de existência. Dentro daquilo que a pessoa faz, ela começa aos poucos a perceber se é isto que ela realmente quer ou não. Vocação é aquilo que proporciona a pessoa, o referencial da autenticidade e realização.

O ser humano é livre, mas livre para quê? A liberdade é uma questão extremamente difícil, pois ela representa a possibilidade diante da qual o indivíduo pode responder negativa ou positivamente. Só que com isto ela está se modificando ou não. Além disso, a realização depende daquilo que é desenvolvido como reação, a uma circunstância determinada. O ser humano precisa buscar para poder ser.

(...) Selva y ciudad son dos cosas esencialmente profundas, y la profundidad está condenada de una manera fatal a convertirse en superficie si quiere manifestarse (Meditaciones del "Quijote", 1941, I, 330).

A analogia feita por Ortega faz transparecer a preocupação diante da qual o indivíduo se encontra, pois ao olhar para a floresta o homem se vê diante de um enorme monstro, onde fica complicada a noção do individual. O mesmo acontece na cidade. O ser humano encontra-se dentro de uma complexidade existencial onde começa a não olhar o particular, ou ainda, a preocupar-se com o individual único, passando com a preocupação ou a construção, ser só em função do todo, ou seja, da cidade. Den-



tro de uma realidade tão grandiosa o sujeito começa a não mais se perguntar os motivos das coisas, dos fenômenos e, cada vez mais, passa a viver na superficialidade.

O ser humano contemporâneo encontra-se num constante ativismo, onde cada vez possui menos tempo para se preocupar com as coisas que lhe dizem respeito. O momento lúdico, de lazer, vai perdendo o seu espaço. Com isto, a própria noção do que é importante começa a perder-se aos poucos.

Tengo yo ahora en torno mío hasta dos docenas de robles graves y de fresnos gentiles. ¿Es esto un bosque? Ciertamente que no: éstos son los árboles que veo de un bosque. El bosque verdadero se compone de los árboles que no veo. El bosque es una naturaleza invisible (Meditaciones del "Quijote", 1941, I, 330).

O bosque é uma natureza invisível, ou seja, as árvores que se vêem no bosque são aquilo que se conhece da vida. O que não se conhece é da vida, em última instância, o que não foi vivido ou que dentre as inúmeras possibilidades foram excluídas. Por isso, o bosque é o que foge aos olhos, isto é, o ser humano tem noção do que realiza, enquanto o restante se perde nas inúmeras complexidades da própria vida. A vida é um constante desbravar da floresta. O indivíduo caminha em circunstâncias seguras que são proporcionadas pela cultura. Mas não é só do passado ou do já conhecido que a vida é feita, muito pelo contrário, a realização e a autenticidade se tornam possíveis mediante o novo que o indivíduo vai realizando e descobrindo.

El bosque está siempre un poco más allá de donde nosotros estamos. De donde nosotros estamos acaba de marcharse y queda sólo su huella aún fresca. Los antiguos, que proyectaban en formas corpóreas y vivas las siluetas de sus emociones, poblaron las selvas de ninfas fugitivas. Nada más exacto y expresivo. Conforme camináis, volved rápidamente la mirada a un claro entre la espesura y hallaréis un temblor en el aire como si se aprestara a llenar el hueco que ha dejado al huir un ligero cuerpo desnudo (Meditaciones del "Quijote", 1941, I, 331).

A realização humana é sempre algo tão complexo, que quando o indivíduo pensa ter

encontrado o clarão na floresta, percebe que é só um momento e que o viver é um constante caminhar e descobrir. O bosque não existe sem o "Eu", porque é uma soma de possibilidades, de possíveis atos do homem. Ao conhecer-se algumas árvores na floresta, isto é fruto do esforço e do caminhar pessoal.

Desde uno cualquiera de sus lugares es, en rigor, el bosque una posibilidad. Es una vereda por donde podríamos internarnos; es un hontanar de quien nos llega un rumor débil en brazos del silencio y que podríamos descubrir a los pocos pasos; son versículos de cantos que hacen a lo lejos los pájaros puestos en unas ramas bajo las cuales podríamos llegar. El bosque es una suma de posibles actos nuestros, que, al realizarse, perderían su valor genuino. Lo que del bosque se halla ante nosotros de una manera inmediata es sólo pretexto para que lo demás se halle oculto y distante (Meditaciones del "Quijote", 1941, I, 331).

O bosque é a soma de nossos atos, ou seja, a complexidade assumida pela vida, talvez toda a história que o indivíduo foi capaz de desenvolver, na medida que estes atos vão se realizando, as coisas deixam de ser autênticas, originais, pois fazem parte do passado. Quem quer ser autêntico terá que caminhar sempre dentro do bosque. O descansar significa repetir algo já assimilado, como coloca Ortega, logo não mais original. Para ser original terá sempre que ser projeto ou perspectiva. O que passa a ser estático passa a ser fruto do passado do sujeito-individual.

Los árboles no dejan ver el bosque, y gracias a que así es, en efecto, el bosque existe. La misión de los árboles patentes es hacer latente el resto de ellos, y sólo cuando nos damos perfecta cuenta de que el paisaje visible está ocultando otros paisajes invisibles nos sentimos dentro de un bosque (Meditaciones del "Quijote", 1941, I, 331).

Caso as coisas não estejam claras, a pessoa perde a noção de bosque ou possibilidade. Sempre é importante lembrar que aquilo que se é resulta, também, daquilo que se negou. A alienação, por outro lado, proporciona o acaso, que representa exatamente a falta de perspectiva e, além disso, a descaracterização do que se faz. Todo o existir, para Ortega, terá que ser objeto



de sentido. A realização só acontece se o ser humano souber o que é e o que quer. Só se conhece aquilo que o sujeito se dá conta. Com isto, há a necessidade de olhar para a vizinhança e perceber que se é único. O ser diferente é ser único dentro das diferenças e não sozinho.

La invisibilidad, el hallarse oculto no es un carácter meramente negativo, sino una cualidad positiva que, al verse sobre una cosa, la transforma, hace de ella una cosa nueva. En este sentido es absurdo - como la frase susodicha declara- pretender ver el bosque. El bosque es lo latente en cuanto tal (Meditaciones del "Quijote", 1941, I, 331-2).

A circunstância, o bosque, só existe com a presença pessoal e vice-versa. Não é possível ver o bosque. Isto seria repetir tudo o que a cultura ou a sociedade estabelece. A vida precisa da participação do "EU" para descobrir o bosque e, ao mesmo tempo, precisa do bosque. O ser humano precisa estar dentro de um contexto sociocultural. Este só existe em função do ser humano. O que pode ser insignificante ou superficial para uma pessoa, pode ser o que de mais profundo há para outra, pois o que faz a vida de sentido é a necessidade de ter que escolher o que se quer ser. A vida é esta mágica relação entre o profundo e o superficial. Tem-se que escolher, mesmo que seja negando. Esta é uma questão estritamente pessoal e particular.

Existir é construir e transformar o bosque. No bosque há a necessidade de se conhecer algo para, a partir daí, poder construir. Este algo é quase nada diante das possibilidades criadas pelas circunstâncias. A vida é um bosque onde o ser humano vai conhecendo e descobrindo novos espaços. Vida não é dificuldade é decisão que vai dando forma e sentido.

O homem como um ser histórico

Só faz história quem busca. Na visão orteguiana a história é a história de alguém. Este alguém é concreto, real, pois é a partir desta possibilidade que a história precisa ser vista. Não se pode olhar a história como limitada, pois é nela que cada um busca a sua realização e o seu espaço. Para poder responder ao conceito

de história tem-se a necessidade de saber responder: o que é e quem é o homem? Até que ponto aquilo que ele faz representa o essencial para ele? É por isso que cada indivíduo precisa dar, dentro de sua autenticidade, uma solução aos seus problemas.

El hombre es una entidad infinitamente plástica de la que se puede hacer lo que se quiera. Precisamente porque ella no es de suyo nada, sino mera potencia para ser 'como usted quiera'. Repase en un minuto el lector todas las cosas que el hombre ha sido, es decir, que ha hecho de sí -desde el 'selvaje' paleolítico hasta el joven *surrealista* de París. Yo no digo que en cualquier instante pueda hacer de sí cualquier cosa. En cada instante se abren ante él posibilidades limitadas -ya veremos por qué límites. Pero si se toma en vez de un instante todos los instantes, no se ve qué fronteras pueden ponerse a la plasticidad humana (Historia como sistema y del Imperio Romano, 1941, VI, 34).

Ortega, na obra **História como sistema**, afirma que o homem é novelista de si mesmo, o que quer dizer que ele cria, planeja a sua história. O que será e como será é caracterizado pelo indivíduo. Ser história é fazer ou ter a possibilidade de poder ser. A criança, ao nascer, representa a pura possibilidade do poder ser. O parâmetro que ela terá, certamente, é a circunstância que vai auxiliar. Além da possibilidade existente, onde se requer a definição do que vai querer ser, se faz necessário poder escolher e ser livre, pois o homem é o criador ou o novelista de si mesmo.

Pero la experiencia de la vida no se compone sólo de las experiencias que yo personalmente he hecho, de mi pasado. Va integrada también por el pasado de los antepasados que la sociedad en que vivo me transmite. La sociedad consiste primariamente en un repertorio de usos intelectuales, morales, políticos, técnicos, de juego y placer. Ahora bien: para que una forma de vida -una opinión, una conducta- se convierta en uso, en vigencia social, es preciso 'que pase tiempo' y con ello que deje de ser una forma espontánea de la vida personal. El uso *tarda* en formarse. Todo uso es viejo. O, lo que es igual, la sociedad es, primariamente, pasado, y relativamente al hombre, tardígrada (Historia como sistema y del Imperio Romano, 1941, VI, 37-8).



A criança, assim como a cultura, se desenvolve e integra através da imitação. Só depois, com o processo de tomada de consciência, que o indivíduo perceberá se aquilo que sempre fez estava correspondendo às exigências por ele criadas. Por isso, que para Ortega, o homem e a sociedade precisam ser em primeiro lugar passado, pois é daí que surge a possibilidade de se tornar possível construir.

Ese pasado es pasado no porque pasó a otros, sino porque forma parte de nuestro presente, de lo que somos en la forma de haber sido; en suma, porque es *nuestro* pasado. La vida como realidad es absoluta presencia: no puede decirse que *hay* algo si no es presente, actual. Si, pues, *hay* pasado, lo habrá como presente y actuando ahora en nosotros. Y, en afecto, si analizamos lo que ahora somos, si miramos al trasluz la consistencia de nuestro presente para descomponerlo en sus elementos como pueda hacer el químico o el físico con un cuerpo, nos encontramos, sorprendidos, con que nuestra vida, que es siempre *ésta*, la de este instante presente o actual, se *compone* de lo que hemos sido personal y colectivamente. Si hablamos de *ser* en el sentido tradicional, como *ser ya* lo que se es, como ser fijo, estático, invariable y dado, tendremos que decir que lo único que el hombre tiene de ser, de 'naturaleza', es lo que ha sido (Historia como sistema y del Imperio Romano, 1941, VI, 39).

O homem é homem porque é filho do passado, é um sucessor. O homem é um ente que se faz a si mesmo. Só que ele não poderá repetir o passado. Terá que fazer do passado o ponto para o agora. O passado já se conhece, precisa-se partir em busca do algo a mais. Fazer isto é caminhar fazendo a própria história. Não há existência histórica na qual não se tenha tido a necessidade de construir. Claro que para existir não se pode jogar fora todo o modelo criado e desenvolvido pelo passado. A presença do passado se dá pelas possíveis decisões que se consegue tomar. Para Ortega, o homem evita ser o que foi, porque hoje terá que ser diferente, pois, caso contrário, não fará a sua história.

(...) El hombre 'va siendo' y 'des-siendo' -viviendo. Va acumulando ser -el pasado-: se va haciendo un ser en la serie dialéctica de sus experiencias. Esta dialéctica no es de la razón lógica, sino precisamente de la histórica (...)

(Historia como sistema y Del Império Romano, 1941, VI, 41).

O homem vai sendo e des-sendo, segundo Ortega, vivendo. É vivendo que se poderá ter uma real noção daquilo que precisa mudar ou não. A vida precisa ser vivida. Não se vive do sonho ou da fantasia. A vida é algo real e concreto. Aliás, é o que cada indivíduo possui de mais real. No instante que o autor madrileno afirma que a dialética não é da razão lógica, mas da história, coloca que no momento que se é algo, está se negando outras possibilidades.

(...) El pasado es el momento de identidad en el hombre, lo que tiene de cosa, lo inexorable y fatal. Mas, por lo mismo, si el hombre no tiene más ser eleático que lo que ha sido, quiere decirse que su auténtico ser, el que, en efecto, es -y no sólo 'ha sido'-, es distinto del pasado, consiste precisa y formalmente en 'ser lo que no se ha sido', en un ser noeleático. Y como el término 'ser' está irresistiblemente ocupado por su significación estática tradicional, convendría libertarse de él. El hombre no es, sino que 'va siendo' esto y lo otro. Pero el concepto 'ir siendo' es absurdo: promete algo lógico y resulta, al cabo, perfectamente irracional. Ese 'ir siendo' es lo que, sin absurdo, llamamos 'vivir'. No digamos, pues, que el hombre es, sino que *vive* (Historia como sistema y del Imperio Romano, 1941, VI, 39).

O fato de afirmar que o homem vive, representa para Ortega a possibilidade de ser diferente. No momento em que se afirma que é, automaticamente, está se dificultando a concepção de ser histórico. O homem não é, ele se faz, e, por isso, é que adquire a possibilidade de poder ser. Na obra **História como sistema**, Ortega fundamenta o seu conceito de história, no sentido de algo que não é estático.

En suma, que *el hombre no tiene naturaleza, sino que tiene... historia*. O, lo que es igual: lo que la naturaleza es a las cosas, es la historia -como *res gestae*- al hombre (Historia como sistema y del Imperio Romano, 1941, VI, 41).

Viver é ser sempre atual. É buscar o novo, o diferente. É construir o ser. Se para a natureza é condicional a sua condição, para o ser humano só há a realização e, com isto, a autenticida-



de dentro desse processo histórico. Fazer a história é progredir.

Para Ortega, fazer história quer dizer honestidade, subir pelos próprios ombros. Ele afirma que não se pode valer de benefícios que não sejam os seus. A vida deve ser construída a partir de uma noção clara de justiça, respeito e integridade. O ser humano precisa fazer a sua história: do passado buscar o referencial e, mediante ele, construir aprimorando. Isto é da condição humana.

(...) La mutación 'sustancial' es la condición de que una entidad pueda ser progresiva como tal entidad, que su ser consista en progreso. Ahora bien: del hombre es preciso decir, no sólo que su ser es variable, sino que su ser crece y, en este sentido, que progresa. El error del viejo progresismo estribaba en afirmar *a priori* que progresa hacia lo mejor. Esto sólo podrá decirlo *a posteriori* la razón histórica concreta. Ésta es la gran averiguación que de ella esperamos, puesto que de ella esperamos la aclaración de la realidad humana, y con ello de qué es lo bueno, qué es lo malo, qué es lo mejor y qué es lo peor. Pero el carácter simplemente progresivo de nuestra vida sí es cosa que cabe afirmar *a priori*, con plena evidencia y con seguridad incomparable a la que ha llevado a suponer la improgresividad de la naturaleza, es decir, la 'invariabilidad de sus leyes'. El mismo conocimiento que nos descubre la variación del hombre nos hace patente su consistencia progresiva (Historia como sistema y del Imperio Romano, 1941, VI, 41-2).

Os problemas, que fazem parte da vida humana, representam exatamente, esta dramaticidade, que é o processo histórico.

Somos o que era o homem de 1700 e somos mais, é o que Ortega afirma, ou seja, necessariamente teremos que ser diferentes. Assim como a soma de todo o tempo, que posteriormente se soma, precisa-se fazer com que o homem de hoje seja mais do que o daquele período. Difícil fica dizer se é melhor, pois isto depende do parâmetro e do que se quer ser.

Quando Ortega faz a analogia entre o homem e a flecha, ele evidencia um conceito altamente aberto e flexível. Afirma que o homem é esta flecha que sempre se sente lançada. A flecha em movimento está lançada e, como tal, implicará em conseqüências, assim como também não será possível voltar atrás. A reali-

zação humana não está e nem pode ser construída sobre o medo pela mudança. Querer viver é ter coragem de fazer a história. História não é a repetição de fatos, mas é ter a coragem de acertar no alvo a sua projeção de ser humano.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- AUEL, Jean M. *Ayla – A filha das cavernas*. 3. ed. Rio de Janeiro: Record, 1980.
- _____. *O vale dos cavalos*. 3. ed. Rio de Janeiro: Record, 1982.
- _____. *Os caçadores de mamutes*. 2. ed. Rio de Janeiro: Record, 1985.
- _____. *Planície de passagem*. Rio de Janeiro: Record, 1993.
- BISILLIAT, Maureen. *Guerreiros sem espadas: experiências revistas dos irmãos Villas Bôas*. São Paulo: Empresa das Artes, 1995.
- CASTRO, Eduardo Viveiros. *Tão humanos quanto animais*. Folha de São Paulo, São Paulo, P. 5-10, agosto de 1998.
- CASTRO, Silvio. *A carta de Pero Vaz de Caminha*. 2. ed. Porto Alegre: LPM, 1987.
- DAMÁSIO, António R. *O erro de Descartes: emoção, razão e o cérebro humano*. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.
- DAMATTA, Roberto. *Conta de mentiroso: sete ensaios da antropologia brasileira*. Rio de Janeiro: Rocco, 1993.
- DOUGLAS, Mary. *Pureza e perigo*. São Paulo: Perspectiva, 1976.
- DUFRENNE, Mikel. *Estética e filosofia*. 2. ed. São Paulo: Perspectiva, 1981.
- FOUCAULT, Michel. *Microfísica do poder*. 10. ed. Rio de Janeiro: Graal, 1979.
- FRY, Dennis. *Homo Loquens: o homem como animal falante*. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.
- GAIARSA, José Ângelo. *Briga de casal: lições de amor*. São Paulo: Editora Gente, 1997.
- GEERTZ, Clifford. *A interpretação das culturas*. Rio de Janeiro: LTC, 1989.
- _____. *O saber local: novos ensaios em antropologia interpretativa*. 2ª.ed. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 1997.
- LORENZ, Konrad. *A demolição do homem: crítica à falsa religião do progresso*. 2ª.ed. São Paulo: Brasiliense, 1986.



- MAFFESOLI, Michel. *Elogia da razão sensível*. Petrópolis: Vozes, 1998.
- NOGARE, Pedro Dalle. *Humanismo e anti-humanismo*. 6ª.ed. Petrópolis: Vozes, 1981.
- OLIVEIRA, Manfredo A. de. *Ética e racionalidade moderna*. São Paulo: Loyola, 1993.
- ORTEGA Y GASSET, José. *Obras completas*. 6ª. ed. Madrid: Revista de Occidente, 1963, 12 vol.
- _____. *Que é filosofia?* Rio de Janeiro: Livro Ibero-Americano, 1961.
- _____. *O homem e a gente*. Rio de Janeiro: Livro Ibero-Americano, 1960.
- _____. *Origem e epílogo da filosofia*. Rio de Janeiro: Livro Ibero-Americano, 1963.
- _____. *A rebelião das massas*. São Paulo: Martins Fontes, 1987.
- _____. *Investigaciones psicologicas*. Madrid: Revista de Occidente, 1982.
- _____. *La idea de principio en Leibniz*. Madrid: Revista de Occidente, 1979.
- _____. *Mirabeau o el politico. Contreras o el aventurero. Vives o el intelectual*. Madrid: Revista de Occidente, 1974.
- _____. *Meditacion del pueblo joven y otros ensayos sobre America*. Madrid: Revista de Occidente, 1981.
- _____. *La deshumanización del arte y otros ensayos de estética*. 3ª. ed. Madrid: Editorial Espasa Calpe, 1993.
- PILETTI, Claudino. *A razão vital e histórica em José Ortega y Gasset*. Porto Alegre: Instituto Estadual do Livro, 1968.
- PRATA, Francisco Xavier. *Dialéctica da razão vital. Intuição originária de José Ortega y Gasset*. Lisboa: Livraria Moraes, 1962.
- RIU, Federico. *Vida e historia en Ortega y Gasset*. Caracas: Monte Avila Editores, 1985.
- ROCHA, Everardo P. G. *O que é etnocentrismo*. 6ª. ed. São Paulo: Brasiliense, 1989.
- ROGERS, Carl R. *Tornar-se pessoa*. 5ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 1997.
- RORTY, Richard. *A filosofia e o espelho da natureza*. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 1994.
- SAHLINS, Marshall. *Ilhas de história*. Rio de Janeiro: Zahar, 1990.
- THOMAS, Keith. *O homem e o mundo natural: mudanças de atitude em relação às plantas e aos animais (1500-1800)*. São Paulo: Companhia das Letras, 1988.
- ZUBIRI, Xavier. *Naturaleza, historia, dios*. 9ª. ed. Madrid: Alianza Editorial, 1987.
- WRIGHT, Robert. *O animal moral: porque somos como somos: a nova ciência da psicologia evolucionista*. Rio de Janeiro: Campus, 1996.

